

A DANÇA NO ESPAÇO PÚBLICO DA CIDADE - O “PROJETO FORRÓ NA PRAÇA”: DOS ENCONTROS E DA LIBERDADE

Recebido em: 04/01/2021

Aprovado em: 16/05/2021

Licença: 

Dardianne Catherine Souza Passos¹

Fernanda de Souza Cardoso²

Carlos Rogério Ladislau³

Georgino Jorge de Souza Neto⁴

Rogério Othon Teixeira Alves⁵

Ester Liberato Pereira⁶

Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)

Monte Claros – MG – Brasil

RESUMO: Este estudo versa sobre os sentidos atribuídos pelos frequentadores de um projeto denominado “Forró na Praça” à vivência da dança no espaço público da praça, sendo este espaço parte constitutiva da cidade, presente na realidade com seus objetos e formado pela contínua interação humana. Para desenvolvimento desta pesquisa foram realizadas observações simples das aulas de dança do projeto e aplicadas entrevistas semiestruturadas ao coordenador do projeto e a três participantes. Os dados coletados foram analisados segundo análise qualitativa do conteúdo, sendo constatado que o dançar na praça promove sociabilidade e novas experiências, podendo se constituir em uma vivência de lazer significativa para os participantes. A praça, pública e aberta, convida “facilmente” aqueles que ocupam e percorrem a cidade a viver a dança neste espaço/paisagem.

PALAVRAS-CHAVE: Dança. Espaço. Praça.

DANCE IN THE PUBLIC SPACE OF THE CITY - “FORRÓ NA PRAÇA” PROJECT: MEETINGS AND FREEDOM

¹ Bacharel em Educação Física pela Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes.

² Doutora em Ciências da Religião pela PUC-SP. Docente do curso de Educação Física da Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes.

³ Doutor em Educação pela UNICAMP.

Docente do curso de Educação Física da Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes.

⁴ Doutor em Estudos do Lazer pela UFMG. Docente do curso de Educação Física da Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes. Grupo de pesquisa em que atua: Ludens-Laboratório de Estudos e Pesquisa do Lazer.

⁵ Doutor em Estudos do Lazer pela UFMG. Docente do curso de Educação Física da Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes. Grupo de pesquisa em que atua: Ludens-Laboratório de Estudos e Pesquisa do Lazer.

⁶ Docente do curso de Educação Física da Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes. Grupo de pesquisa em que atua: Ludens-Laboratório de Estudos e Pesquisa do Lazer.

ABSTRACT: This investigation discusses the meanings attributed by the participants of a project called “Forró na Praça” to the experience of dance in the public space of the square. This space is a constituent part of the city, present in reality with its objects and formed by continuous human interaction. For the development of this research, simple observations were made of the dance classes held in the project and semi-structured interviews were applied to the project coordinator and to three participants. The collected data were interpreted according to the qualitative content analysis procedures. From this analysis, it was possible to verify that the possibility of dancing in the square promotes sociability and new experiences, which can constitute a significant leisure experience for the participants. The square, public and open, invites “easily” those who occupy and travel the city to live the dance in this space/landscape.

KEYWORDS: Dance. Space. Square.

Introdução

Leite (2011, p. 160) destaca que “os principais atributos de um espaço público são aqueles que têm relação com a vida pública, com a urbanidade”. O modo de vida urbano deve ser visto, antes de tudo, como experiência: uma experiência humana constituída de um tecido aderente, colado ao ato, impregnando-o; vida urbana atravessada de espaço e tempo. E a espacialidade urbana tem relação intrínseca com os ritmos variados da prática, uma forma de presença na produção das diversas temporalidades fruto das ações das pessoas e suas experiências do tempo. “Conjuntamente, elas constituem a experiência da urbanidade” (NETTO, 2013, p. 240).

Para Vieira (2008, p. 84) “o espaço público urbano organiza-se enquanto espaço de expressão e oposição de valores sociais, como um campo extraordinário de batalha entre diferentes formas de cidadania e modalidades para seu exercício”. Um estudo desenvolvido por Petroski *et al.* (2009) sugeriu que ambientes públicos podem propiciar suporte social e ser atrativo para toda a família, visando assim, uma maior integração entre a comunidade e o espaço.

Fermino; Reis e Cassou (2012) destacam que esses espaços públicos, além de serem considerados lugares adequados à prática de atividade física, são lugares

propícios à vivência do lazer; proporcionando muitos benefícios para a melhoria da habitabilidade do meio urbano, como: “a possibilidade do acontecimento de práticas sociais, momentos de lazer, encontros ao ar livre e manifestações de vida urbana e comunitária, que favorecem o desenvolvimento humano e o relacionamento entre as pessoas” (OLIVEIRA; MASCARÓ, 2007, p. 60).

No momento de se organizar os espaços públicos e planejar uma estrutura urbana, as praças constituem um verdadeiro vínculo entre os diversos espaços criados e a experiência afetiva do lugar: “qualquer um de nós tem, remotas que sejam lembranças de uma praça onde, na infância, o balanço, a gangorra ou o escorregador faziam parte do universo da criança”, do nosso próprio universo (DE ANGELIS; DE ANGELIS NETO, 2000, p. 2).

Segundo Gomes (2007), cada praça de uma cidade que a população conhece e frequenta guarda especificidades histórico-culturais, determinando um processo que cria identidades do usuário, o que poderá estimular o uso daquele espaço, tornando um local de convívio e lazer.

Vários usos podem ser dados a um espaço como as praças e várias experiências podem ser ali praticadas. No caso desta pesquisa, temos a dança; uma prática cultural vivenciada na praça, constituindo-se em diferentes apreensões pelo corpo, uma vez que dançar na rua envolve uma interação com o território ocupado; o espaço preenchido pelos corpos que dançam; pelos cidadãos que ocupam o espaço público.

A escolha do tema deste trabalho se deu perante o interesse dos pesquisadores pela dança enquanto prática corporal e social, e na possibilidade de observar essa experiência do corpo em um espaço público, a praça. Assim, esta pesquisa se propôs a investigar os sentidos atribuídos pelos participantes do “Projeto Forró na Praça” ao espaço público da praça na vivência da dança. Este estudo se faz importante também

por trazer à tona outras possibilidades de vivenciar a cidade, acreditando na dança como uma prática corporal que pode propiciar essa vivência; buscando conduzir nosso pensamento sobre os diferentes usos dos espaços públicos urbanos na contemporaneidade.

O Espaço Público

Nos últimos vinte anos, novos enfoques reformularam a função do espaço público de acordo com as novas condições e necessidades das cidades. Desta maneira, aos tradicionais espaços verdes marcados pelo predomínio das áreas de vegetação plantada como as praças e os parques, “se incorpora o conceito de espaço livre entendido como aquele espaço urbano ao ar livre de uso predominantemente pedestre, pensado para o lazer, o passeio, o esporte, etc.” (CALDERÓN, 2009, p. 20-21).

Para Calderón (2009), diante da concepção da arquitetura, são caracterizados como públicos todos aqueles espaços que são acessíveis ao público. Nesse entendimento, Rosaneli *et al.* (2016, p. 361) acrescenta que “o espaço livre público é aquele que abriga diversas práticas sociais, reflete a cultura e o costume de seus usuários e cuja vitalidade está ligada à possibilidade de apropriação”.

Os espaços públicos na sociedade moderna assumem diferentes formas e tamanhos: as avenidas, calçadas e praças que compõem o tecido urbano são espaços públicos considerados abertos e acessíveis a todas as pessoas. Tais espaços são projetados para o uso cotidiano, para a organização da malha urbana e a garantia da circulação de pessoas, além de promover, em certos casos, a permanência e o lazer da população (RODRIGUES, 2006).

O termo sistema de espaços livres melhor se delinea na profusão de calçadas arborizadas, praças, jardins e parques efetivamente integrados entre si e com as demais

funções da cidade e do urbano, na rede articulada de elementos com localizações, desempenho e tamanhos variados, tal como sugerem o próprio termo sistema e seus elementos constituintes, que “[...] teria como elemento organizador central o fato de ser constituído por lugares públicos ou espaços públicos” (LEITE, 2011, p. 160).

Os avanços tecnológicos bem como a industrialização levaram as cidades a um grande desenvolvimento nos últimos séculos. Esse percurso tecnológico, demarcado pelos ideais capitalistas, cedeu espaços cada vez maiores à proliferação de fábricas, comércios e serviços, tanto públicos quanto privados. Dessa forma, as cidades modernas passaram, portanto, por diversas transformações que, consecutivamente, corroboram em mudanças significativas no espaço urbano e influenciam diretamente a vida cotidiana de cada um que habita a cidade (FERREIRA; KOPANAKIS, 2015).

A cidade passa a ser compreendida como um espaço simbólico onde indivíduos se constituem através de suas experiências no espaço e no tempo. Quando os grupos se unem para propor alternativas de ocupação a esses espaços revelam uma resistência aos processos de racionalização à massificação que se instituem nas cidades e, assim, propõem usos diferentes aos diversos espaços através dessas manifestações de oposição (FERREIRA; KOPANAKIS, 2015).

Espaço é o efeito realizado pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade multifuncional de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço permaneceria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é entendida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo); o espaço é alterado pelas transformações devido a proximidades sucessivas. Neste sentido, ele é um lugar desenvolvido; assim, a rua geometricamente determinada por um urbanismo é modificada em espaço pelos

pedestres. Desta forma, a análise é feita pelo espaço produzido pela prática do lugar construído por um sistema de sinais e símbolos que ali são definidos (CERTEAU, 2001).

Santos (1988, s.p) em sua obra “Metamorfoses do espaço habitado”, afirma que todos os espaços são geográficos, porque são determinados pelo movimento da sociedade, da produção; por isso é tarefa árdua conceituar esse espaço geográfico, pois a sua tendência é mudar com o processo histórico, uma vez que o espaço geográfico é também o espaço social (SANTOS, 2004).

A Praça Enquanto Espaço Público

Quando nos referimos especificamente às praças, Robba e Macedo (2003, p. 15) argumentam que “inúmeras são as definições referentes ao termo. Mesmo havendo divergências entre os autores, todos concordam em conceituá-la como um espaço público e urbano”. A praça sempre foi prestigiada como um espaço de convivência e lazer dos cidadãos. Estes ambientes abertos são próprios para a prática do exercício, do lazer, sendo também ponto de encontro de pessoas, contribuindo para a prática do convívio social (ROBBA; MACEDO, 2003).

Há um crescente aumento na implantação de parques e praças públicas nas cidades, sendo possível observar, cada dia mais, a utilização destes espaços para a realização de atividades físicas pelo público em geral. Esses locais, geralmente de fácil acesso, são classificados como ambientes sociais de lazer e de manutenção da saúde. Aproveitar dos espaços públicos para a prática de atividades físicas contribui para a qualidade de vida da população, pode prevenir doenças, aumentar a socialização, como também ampliar a consciência ambiental dos indivíduos (REIS *et al.*, 2017).

[...] as praças são, em sua essência, espaços de lazer urbanos que, por serem públicas tornam o acesso à população facilitado. Por esse motivo o estudo das praças, das suas concepções e de seus equipamentos torna-se

fundamental para compreender um pouco mais sobre o fenômeno do lazer e a sua relação com os espaços públicos no cotidiano das cidades (GONÇALVES *et al.* 2007, p. 5).

Para Andrade e Baptista (2015), as praças e os parques foram concebidos para utilidades diversas e anônimas, destinados a todos, mas, ao longo dos anos, foram alvo de múltiplos usos, que vêm se modificando assim como as populações que dele usufruem. Neste sentido é que Santos (1988, s.p) destaca:

[...] a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso, o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva, pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato.

“Em última análise, a realidade de uma cidade, de um campo cultivado, de uma rua [e porque não dizer, de uma praça], é a mesma para todos os indivíduos”. É a realidade de cada pessoa que a autoriza e a leva a ver as coisas sob um ângulo particular (SANTOS, 2004, p. 161, grifo nosso). Talvez por isso alguns interajam com a praça e outros apenas a utilizem como via, por mais que ela ali esteja, fixa, “concreta”, real, até que se queira transformá-la em outra coisa, um novo espaço, possivelmente mais rentável ou mais visível.

Santos (1988, s.p) desenvolve uma ideia sobre paisagem e espaço e as diferenças entre esses dois conceitos que nos parece pertinente quando pensamos nas praças públicas. A paisagem seria “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca”. A paisagem é materialidade, constituída de objetos materiais e imateriais; “é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério”. E o espaço? O espaço

seria o resultado da união da sociedade com a paisagem. Estes dois: paisagem e espaço formariam um par dialético (SANTOS, 1988, s.p).

Parece haver certa analogia entre o pensamento de Santos (1988) ao desenvolver os conceitos de paisagem e espaço com o de Certeau (2001), quando este último afirma que um lugar é uma configuração instantânea de posições e que implica uma indicação de estabilidade; e que o espaço, por sua vez, é animado pelo conjunto dos movimentos e seria, em suma, o lugar praticado.

Consideramos então, a praça a partir desse pensamento, ao mesmo tempo paisagem e espaço/lugar praticado. Ela tem seus equipamentos, seus bancos, seus coretos, suas quadras, suas plantas, entre tantos outros, servindo ainda aos acontecimentos, às interações dos sujeitos, que apenas passam por ela, ou que nela permanecem: sentam nos bancos, escoram nas árvores, brincam nas quadras, dançam no seu terreno ou constroem nela uma nova pista para caminhada.

A Vivência do Lazer

O lazer, destacado acima como uma das possibilidades do uso da praça, é considerado como a relação entre o sujeito, a experiência vivida e a satisfação provocada pela atividade. Na literatura sobre o lazer, não há unanimidade sobre o conceito; no entanto, percebe-se que o lazer vai além de atividades que trazem descontração, divertimento ou não-trabalho, mas que se compõe de conteúdos que considerem o desenvolvimento pessoal, social e educativo (MARCELLINO, 1996).

[...] o conteúdo das atividades de lazer pode ser altamente “educativo”, também a forma como são desenvolvidas abre possibilidades “pedagógicas” muito grandes, uma vez que o componente lúdico, do jogo, do brinquedo, do “faz-de-conta”, que permeia o lazer é uma espécie de denúncia da “realidade”, deixando clara a contradição entre obrigação e prazer (MARCELLINO, 1996, p. 14).

Ao longo das décadas finais do século XX, os estudos do lazer foram revelando a importância dessa esfera na temática social, suplantando uma visão ligada aos valores de descanso, recreação e distração para por em foco também a oportunidade de desenvolvimento pessoal e social proporcionada pela vivência (MARCELLINO, 1996).

O lazer é um ramo da cultura formada pela vivência lúdica de demonstrações culturais no tempo/espço conquistado pelo sujeito ou grupo social, formando relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, principalmente com o trabalho produtivo (GOMES, 2007). Para Sarto (2007), na execução das práticas de lazer procuramos por atividades que nos permitam formas agradáveis de desejo, expressão e realização pessoal, pois através dessa vivência temos uma fuga temporária da nossa rotina e das obrigações.

No entanto, temos as barreiras do lazer, fatores que dificultam que um maior número de pessoas possa experimentar atividades de lazer. Como exemplo, tem-se os fatores econômicos, que acabam limitando não apenas o acesso mas, inclusive, o conhecimento e o interesse por certas opções de lazer. Outro fato que constrange a prática do lazer é o sexo, já que o homem ainda continua tendo mais condições de usufruir do lazer quando comparado à mulher, sobretudo as casadas, desfavorecidas, entre outras razões, por uma jornada dupla de trabalho e as obrigações matrimoniais (GODTSFRIEDT, 2010).

Kitani (2014, p. 13) afirma que “outros fatores que impedem ou protelam atividades de lazer são: a falta de equipamentos recreativos ou culturais coletivos, falta de recursos familiares, dificuldades criadas por obrigações profissionais”. Assim, parece haver de fato várias barreiras que impedem a vivência do lazer, mesmo quando este acontece nos espaços públicos:

[...] a marginalização de áreas públicas por classes mais altas e sua ocupação por grupos sociais de classes mais baixas com atividades relacionadas à sobrevivência influencia diretamente em dois tipos de relação: a de classes

mais altas com espaços públicos, os quais considera não seguros devido ao seu público frequentador; e o de classes baixas com o mesmo espaço, que apesar de ocupá-lo, utiliza-o para fins de trabalho. Desta forma, tanto classes mais altas quanto mais baixas não utilizam o espaço público com fins de lazer (KITANI, 2014, p. 19).

Martins (2013, p. 216) destaca que é possível observamos “[...] que a ocorrência de significativas transformações no tecido urbano, produto de um modelo determinado de desenvolvimento, promoveu mudanças específicas do ponto de vista de democratização dos territórios”. O mesmo autor continua afirmando que estas transformações se expressam nos indivíduos, revelando um crescente estado de anomia que se abate em parte das pessoas, através da desordem, da insensibilidade e das consequências mais graves, que são a violência urbana (MARTINS, 2013).

No entanto, numa pesquisa realizada na cidade de São Paulo, foi constatado que, nos últimos anos, algumas mudanças têm se estabelecido: jovens têm criado novas formas de utilização do espaço público, sendo uma das principais alternativas para vivenciarem atividades de lazer. “Estas iniciativas têm partido principalmente de jovens, que têm se organizado de forma coletiva para planejar e organizar essas ações, sejam elas eventos, intervenções artísticas ou criação de espaços de convivência” (KITANI, 2014, p. 16). E é exatamente uma iniciativa assim, que retratamos neste estudo, um projeto visando intervenções (aulas de forró) em duas praças da cidade de Montes Claros.

A Dança como Vivência do Lazer

A arte se constitui numa manifestação auto-expressiva necessária, única e insubstituível; revela peculiaridades de modos de vida, costumes, crenças, criando formas de simbolizar o mundo. Cada uma das manifestações artísticas é caracterizada pela especificidade da sua linguagem; focando a dança, a entendemos como uma

linguagem que pode conter mensagens implícitas, além de referir-se a conteúdos simbólicos, mas sua maior vantagem é poder expressar a si mesma (ROBATTO, 2006, p. 131-33).

Dançar representa uma prática prazerosa e constante de exercício físico, com melhoria na saúde dos praticantes, com mudanças estéticas e na capacidade de expressão. Ao falar de expressão, observamos que através da dança, pelo exercício da arte há quebra de paradigmas e estímulo à imaginação: seria um artifício para criar através do movimento, seu mundo, observando a experiência e a cultura de cada praticante (SILVA; VALENTE; BORRAGINE, 2012). Vargas (2007, p. 72) destaca que a dança, por ser uma arte, está consequentemente acompanhada da criação de novas formas, pela experimentação de novos movimentos, [numa maior consciência de si mesmo e do entorno].

Rangel (2002) destaca que na dança, assim como ocorre no próprio ser humano, existe uma dinâmica de vida que suscita constantes reflexões e reciclagens onde, dependendo do contexto em que o sujeito está inserido, ele cria, analisa e transforma a sua dança em reflexo de sua própria realidade, ou no ideal de suas aspirações.

Sarto (2007) aproxima a dança e o lazer argumentando que ambos têm a oportunidade de criar atalhos para a alegria, o prazer, a satisfação que buscamos para tornar a vida mais leve e desenvolver indivíduos construtores ativos de suas culturas. Dançar possibilita maior prazer, deixando fluir elementos novos e criativos e permite o expandir dos movimentos (MILLER, 2012, p. 9). A “dança se faz não apenas dançando, mas também pensando e sentindo: dançar é estar inteiro” (VIANNA, 2005, p. 32).

A dança é o aprofundamento de si mesmo, mas não só isso, uma vez que ela, tem a finalidade de comunicar-se. É, portanto, o aprofundamento da maneira de interagir com outros. Isso implica que, embora não haja necessariamente o aprendizado

de uma série de passos ou gestos preestabelecidos, ocorre a concretização de certos padrões de conduta compartilhados. Há em cada pessoa a necessidade básica de poder expressar-se tal como é, e o desejo de que essa expressão, mesmo não sendo compartilhada, seja entendida por ele mesmo ou pelos outros (TOKOE; HARF, 1987).

Para Netto Fleury (2007) existe um tipo de cenário social e cultural que coincide com espaços que são ocupados e construídos pelos jovens para produzir cultura, são espaços cuja existência acatam as necessidades de criação artística, de manifestação dos fenômenos que experimentam. As danças em grupos trazem pontos importantes à investigação pela diversidade de identidades juvenis e práticas culturais, manifestadas nas relações criadas com seus pares, “pelo sentido que dão ao consumo para a produção cultural e pela apropriação do espaço público no processo de construção da sociabilidade” (NETTO FLEURY, 2007, p. 39).

Carreira (2008) em sua obra “Espaço e teatro: do edifício teatral à cidade como palco”, faz uma menção que nos parece bastante interessante. Ainda que o autor tenha como foco o teatro de rua, nos permite certa aproximação com seu pensamento quando associa o espetáculo a uma prática de invasão da cidade. “Essa invasão é uma interferência na lógica da cidade, uma intromissão ao uso cotidiano dos espaços” (CARREIRA, 2008, p. 69). No entanto, ao falar de invasão, o autor não se refere necessariamente a um ato de rebeldia, advindo de grupos criadores marginais. “A invasão, ainda que seja um gesto político, não nasce sempre impulsionada por uma motivação politizada claramente definida (CARREIRA, 2008, p. 69).

Os códigos estabelecidos pela urbanidade podem e são reinventados, portanto, ressignificados e reinterpretados, e quando tais mudanças se dão, ainda que provisórias, emergem vulnerabilidades no decoro urbano. Esta desorganização do cotidiano é uma ação praticada na relação corpo-cidade que propõe mudanças nos ambientes outrora projetados (SALES; SNIZEK, 2017, p. 32).

Quando nos referimos ao “Projeto Forró na Praça”, poderíamos dizer que há também ali uma invasão, uma intervenção com lógica diferenciada no espaço da praça. Os projetos arquitetônicos e códigos sociais não estabelecem que a praça possa se tornar um espaço dançante, mas como ressaltam as autoras acima referenciadas, estes códigos podem e são, mesmo que às vezes provisoriamente, ressignificados.

“A dança, arte efêmera essencialmente política, atua como meio de promoção dessa relação corpo-cidade, explora as possibilidades propostas pelas configurações urbanas” (SALES; SNIZEK, 2017, p. 40). A cidade é entendida como local de diálogo, expressão e experimentações, já que sua ação questiona os códigos predefinidos, construindo e reconstruindo os ambientes; [permitindo, portanto, experimentar o espaço público, das mais diferentes maneiras] (SALES; SNIZEK, 2017).

Assim, a dança se torna uma possibilidade viável para o desenvolvimento do lazer nos espaços comunitários, onde o que importa é o processo de construção e não o produto final, proporcionando momentos de auto-conhecimento, de satisfação e de prazer na criação. As interações em grupos nos espaços públicos, as relações do corpo com peso e fluidez ao se mover, contribui na expressividade e no desenvolvimento da consciência de si e de mundo (SARAIVA, 2011).

O Forró como Estilo

Para além dos aspectos empíricos específicos de um determinado contexto, a escolha do forró para desenvolvimento de um projeto de dança num espaço público, pode ser endossada por várias razões. Esse ritmo se caracteriza por possuir o mesmo padrão gestual, “em qualquer lugar do mundo, onde a dança esteja presente” (SOTERO, 2014, p. 141). A qualquer situação e momento, pode-se transformar e criar novos passos, porém a base motora, a gestualidade e também o estilo musical permanecem

inalterados. É a classificação (estilo) mais difundida nas academias e nas escolas de dança (SOTERO, 2014).

“Com influência dos salões europeus e elementos da dança indígena, o forró tem ascendência portuguesa, francesa, espanhola e holandesa (figurando assim as principais nações que estiveram no Brasil no período colonial)” (FÉLIX; GAMA; FÉLIX, 2015, p. 173). O termo surgiu provavelmente do francês faux-bourdon, se tornando forrobodó, o nome dos bailes populares (FÉLIX; GAMA; FÉLIX, 2015).

Para Garcia e Haas (2006, p. 182), o forró teve origem nas festas oferecidas pelos ingleses aos empregados que construíram a estrada de ferro; outros comentam que se originou nas casas de dança nordestinas, que eram conhecidas como for all (que em português significaria “para todos”). As pessoas pronunciavam forrol que acabou gerando forró. Existem três estilos de dança forró: baião, xaxado e xote, variando na velocidade dos movimentos, no deslocamento e na marcação. É um dos estilos de dança “febre” que tem ganhado bastante projeção no Brasil (GARCIA; HAAS, 2006).

O som do forró é marcado basicamente por sanfonas, triângulos e zambumbas. Segundo Félix; Gama e Félix (2015, p. 173), desses instrumentos, o elemento sonoro indispensável decididamente é a sanfona.

O forró, como gênero musical, se estabelece definitivamente no nordeste pelo memorável trabalho musical de Luiz Gonzaga, sendo, talvez, o estilo que melhor exprime, por meio de suas práticas e do desempenho de quem dança, aspectos que refletem toda uma estrutura social, bem como uma referência maciça de comportamento, estilo e filosofia de vida. Vários conceitos têm sido atribuídos à palavra forró, porém todos levam a um único entendimento próximo do que define o folclorista Câmara Cascudo, que apresenta essa palavra como sinônimo de festa, comunhão, celebração popular, ocasiões em que se ouviam e dançavam xote, baião e xaxado. “A

musicalidade do forró, que tem como base várias influências rítmicas e melódicas, traz em suas letras temas que retratam o cotidiano, a passionalidade e mesmo temas políticos como disputas de terras, acertos de contas entre coronéis e outrem” (PIRES, 2005, p. 118).

O “Projeto Forró na Praça”

O “Projeto Forró na Praça” não tem vinculação com nenhuma instituição, portanto não conta com investimento da Prefeitura Municipal ou outro órgão. Foi criado em 2017 por um professor de dança da cidade de Montes Claros, que, inspirado pela existência de projetos semelhantes em outras cidades, se viu motivado a reproduzi-lo em Montes Claros, com o intuito de incentivar as pessoas a praticarem o forró.

Esta iniciativa objetiva proporcionar aulas de forró com práticas quinzenais, com 3 horas de duração, gratuitamente, fomentando e promovendo o tradicional Forró Pé-de-Serra. São eventos abertos ao público em geral, com acesso gratuito, sendo realizados em duas praças da cidade: a Praça dos Jatobás e a Praça Flamarion Wanderley. A divulgação das aulas é sempre feita através das redes sociais.

As praças foram escolhidas pelo coordenador do projeto. O motivo da escolha da Praça dos Jatobás se deu pelo fato da mesma estar próxima da residência do coordenador, uma vez que este, quase sempre, encontrava dificuldades para levar seu próprio material de som usado nas aulas. Já a “Flamarion Wanderley” (embora longe da residência do idealizador) foi escolhida pelo fato de ser uma praça de movimento intenso na cidade e por estar localizada em uma região diferente da primeira, o que poderia atrair novos interessados ao projeto.

Metodologia

Para apreender e interpretar o “Projeto Forró na Praça”, este estudo empregou um delineamento descritivo. Os dados, obtidos através da aplicação de observações simples e entrevistas semiestruturadas, foram tratados por meio de procedimentos qualitativos.

No caso da observação, buscamos identificar como os participantes do “Projeto Forró na Praça” se comportavam, como estes se relacionavam uns com os outros nas aulas, e com o próprio espaço; bem como outros pontos que fossem considerados relevantes.

A observação simples é aquela em que o pesquisador permanece alheio à comunidade, ao grupo ou a situação que pretende estudar, observando de maneira espontânea aos fatos que ocorrem (GIL, 2008). Neste estudo, o registro da observação se faz com o emprego de cadernos de notas, seguindo o roteiro orientado pelos pontos indicados no parágrafo anterior. Seguindo o cronograma de desenvolvimento do projeto, essa observação ocorreu a cada 15 dias e foi desenvolvida ao longo de 3 meses.

Além do acompanhamento das aulas, foram aplicadas as entrevistas individuais a três participantes do projeto e também ao coordenador. Importante esclarecer que as entrevistas eram aplicadas ao final de cada aula, buscando aproveitar o momento de empolgação ao final da mesma, sendo que os praticantes poderiam estar mais entusiasmados a falar sobre a experiência. Porém, na maioria das vezes, as pessoas já rapidamente se dispersavam e argumentavam ter compromissos após a aula. Neste sentido, as três pessoas entrevistadas foram aquelas que ao contactarmos foram acessíveis e concordaram em responder a entrevista. Quanto ao coordenador, ciente da pesquisa, sempre incentivou nossa presença e colaborou para que a mesma ocorresse da melhor maneira possível.

No que se refere à interpretação dos dados coletados por meio das entrevistas semiestruturadas, foi utilizada a análise qualitativa do conteúdo, sugerida por Flick (2009). Este método é clássico para decompor o material textual, não importando qual a procedência deste material – desde artigos dos meios de comunicação social até informações de entrevista, como é o presente caso. Um de seus aspectos essenciais é o emprego de categorias, extraídas, frequentemente, de modelos teóricos: as categorias são aplicadas ao material empírico e não basicamente desenvolvidas a partir deste, mesmo que sejam, em muitas ocasiões, decompostas em contraste com este material e, se preciso, alteradas. Neste estudo utilizou-se a síntese da análise de conteúdo, ou seja, reduzindo-se o texto-fonte pela omissão dos enunciados que se sobrepõem no nível da generalização (FLICK, 2009).

O procedimento dessa análise qualitativa segue as seguintes etapas: (1) a definir o material e selecionar as entrevistas ou as partes delas que sejam relevantes na solução da questão de pesquisa; (2) analisar a situação da coleta de dados; (3) efetuar a caracterização formal do material; (4) definir a direção da análise para os textos selecionados e “o que de fato se quer interpretar a partir deles”; (5) assegurar que a questão de pesquisa seja ainda mais diferenciada, com base em teorias (MAYRING, 1983 apud FLICK, 2009, p. 292).

Convém esclarecer que esta pesquisa fez parte do Projeto “Espaços e equipamentos de Lazer em Montes Claros-MG: sua história e apropriação pelos frequentadores”, iniciativa submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição fomentadora do estudo (Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes).

Resultados e Discussão

Como previsto na metodologia, para analisarmos o material proveniente da observação, selecionamos previamente as categorias de análise. De acordo com os objetivos da pesquisa, quatro foram as categorias eleitas: (1) o espaço da praça; (2) dançar na praça; (3) o significado do projeto; (4) dança como lazer.

Os forrozeiros participantes desta pesquisa foram aqui nomeados (as) pela letra “F”, indo de F1 a F3, além do coordenador do projeto. Convém destacar que o número de observações realizadas foi diferente com relação à presença dos forrozeiros: F1 esteve presente em cinco aulas observadas; F2 e F3 tiveram em quatro aulas observadas; e o coordenador, em cinco.

Observação das Aulas do Projeto “Forró Na Praça”

O intuito da observação foi reconhecer o contexto de análise: o espaço da praça; o dançar na praça; como transcorriam as aulas e como se comportavam as pessoas durante as mesmas. Além disso, as observações foram importantes para conhecer os possíveis participantes da pesquisa antes da aplicação das entrevistas, buscando a constituição de uma relação de confiança entre pesquisadora e integrantes do projeto.

A primeira visita ao projeto ocorreu em novembro de 2018, num dia em que não havia muitos alunos. Nessa oportunidade, a pesquisadora foi apresentada ao grupo. Em geral, as pessoas acharam muito interessante alguém realizar uma pesquisa sobre o projeto e se disponibilizaram a ajudar. Logo depois dessa primeira visita, o projeto entrou em recesso de fim de ano e retornou apenas após o carnaval, em março de 2019, com uma aula realizada na Praça dos Jatobás. A aula em questão teve início com alongamentos e uma explicação sobre os passos que seriam passados. Durante este tempo, chegaram três mulheres bem vestidas e estas ficaram observando o grupo

dançar. Uma delas chegou a tirar o salto e começou a dançar na calçada, mesmo sozinha, porém não teve coragem de ir até a roda para dançar. Um casal que estava fazendo caminhada em volta da praça parou para observar, chamou o coordenador para saber como funcionavam as aulas e falou sobre o interesse deles participarem. Nesse dia tinha um total de 13 pares e 7 mulheres que estavam sem par, sendo que as mesmas se intercalaram entre os casais. Nesse mesmo dia, um grupo de 3 amigas fez contato espontâneo com a pesquisadora, revelando que o real motivo delas estarem ali era para “arrumar” namorado.

Na observação seguinte, a aula foi realizada na Praça Flamarion Wanderley, localizada no Bairro São José. Nessa praça, o coordenador disse que sempre aparecem mais homens, sendo que neste dia foi exatamente isso que ocorreu. Apesar de já passar do horário previsto para o início das atividades (18 horas), a dança somente começou depois da chegada das mulheres. Com o som das músicas tocadas e o barulho provocado pela aglomeração das pessoas, uma mulher saiu de sua casa para saber sobre o projeto. Depois de o coordenador explicar como funcionava, a mesma se interessou e disse que iria começar a frequentar com uma amiga. Nesse dia tinha um total de 19 pessoas, sendo 9 mulheres e 10 homens.

Quinze dias depois, as atividades foram realizadas na Praça dos Jatobás. Neste dia, apareceram muitas pessoas, sendo que no início havia 12 pares formados, além de outras 7 mulheres observando e esperando para formar par. Ao final da aula, havia um total de 47 pessoas, sendo 17 pares dançantes e 13 pessoas apenas observando. Um rapaz que passava com seus dois cachorros parou para observar e começou a dançar sozinho na lateral da praça, pois não pôde se juntar ao grupo por conta dos seus cachorros. Neste dia, aproveitando a presença de muitos participantes, o coordenador do

projeto (re) apresentou a pesquisadora. Ao final da aula foi realizada a entrevista com um dos participantes.

No último dia de observação, a aula foi realizada na Praça Flamarion Wanderley, com total de treze pessoas, sendo seis pares, além de um homem que ficou sem par. Este se dirigiu até a pesquisadora e começou a elogiar o projeto, relatando o quanto gosta das aulas e de estar ali no domingo. Neste mesmo dia, foram realizadas mais três entrevistas, sendo que os entrevistados se mostraram bastante entusiasmados com a realização das mesmas.

A cada dia de observação, foi possível perceber o entusiasmo de cada aluno nas aulas. Em conversas informais, foi possível ouvir sobre as motivações que levavam as pessoas até ali. Vale destacar que o perfil dos sujeitos envolvidos nas aulas foi bastante variado, em termos de idade, tipo físico, envolvimento (alguns mais tímidos, outros mais empolgados). Os dançantes relataram sobre a felicidade que o forró trazia às suas vidas e sobre a importância desse “hobby”. Era perceptível a alegria estampada no rosto de cada forrozeiro, pois além deles estarem ali por diversão, também estavam pelo prazer que sentiam em dançar. O comportamento deles era de plena satisfação.

Foi possível observar que a cada novo encontro, os alunos mais novatos já tinham “feito amizade” com a maioria do grupo, pois este se mostrava sempre acolhedor. Na maioria das vezes, o grupo frequentador das aulas era o mesmo, mas também acontecia de novos integrantes se juntarem a este; às vezes eram pessoas que paravam apenas para olhar e acabavam se contagiando com a animação demonstrada por aqueles que se movimentavam.

Análise e Discussão dos Dados a Partir das Entrevistas

Categoria 1: O Espaço da Praça

As praças são caracterizadas como espaços livres públicos, com função de convívio social, inseridos na malha urbana como componente construtivo da circulação e de amenização pública, sendo que, em alguns contextos, elas recebem investimento e são adequadamente utilizadas mas, em outros casos, elas estão sendo abandonadas, degradadas e acabam sendo usadas pra outros fins (QUEIROGA; BENFATTI, 2007).

O “Projeto Forró na Praça” se abre como uma possibilidade de uso do espaço da praça propiciando o convívio social e a interação sujeito-espaço. Pode, assim, estar reconfigurando a percepção do espaço de praças da cidade, sendo uma oportunidade para que as pessoas ocupem aquele espaço com algo que elas gostam de fazer: dançar.

Nesse sentido, ao responderem a primeira pergunta da entrevista, observamos que, em geral, os participantes não tinham o hábito de fazer uso de praças públicas da cidade, já que para eles, nenhuma prática significativa era ali desenvolvida, tornando-as mero lugar de passagem, um lugar pouco importante:

[...] era bem difícil eu ir a uma praça especificamente para prática de alguma atividade que estivesse sendo exercida na praça, só se fosse um evento bem específico, mas não tinha o hábito... (F3).

Martins (2013) destaca que, se outrora, esses espaços eram de encontros, ou seja, os cidadãos procuravam lugares públicos como praças e parques, para compartilhar, conversar com amigos (locais de acolhimento), eles foram se reduzindo a locais de passagem e não mais de estada, tornando-se, muitas vezes, espaços de degradação e marginalidade.

Como a praça é um lugar de livre acesso, as pessoas podem se sentir mais à vontade de frequentar e de desfrutar de ações ali desenvolvidas. Muitas vezes, estas ações podem dar novo sentido ao uso do espaço, por pessoas que nem usufruíam dele.

Os participantes do projeto parecem se sentir à vontade no espaço aberto, visível, público; e ele pode ainda constituir, nessa reconfiguração, uma possibilidade para o encontro e para a ampliação das interações sociais:

[...] Pra mim, foi uma das melhores coisas que já aconteceu, pois dá um ar de liberdade em relação aos outros lugares que a gente vai, que é fechado. E lá não, a gente se sente bem [...] (COORDENADOR).

[...] O forró na praça, como ele é livre para todos frequentarem e participarem, a gente está sempre conhecendo novas pessoas [...] (F1).

Ao explorar o conceito de espaço, Santos (1988, s.p) lembra que “o espaço é igual à paisagem mais a vida nela existente; é a sociedade encaixada na paisagem, a vida que palpita conjuntamente com a realidade”, ou seja, o que constitui a praça é o que nela existe de fixo e de movimento; as pessoas do projeto, em interação com a praça e interagindo entre si, dão significado o espaço.

A manutenção de intervenções nos espaços das praças é uma importante iniciativa para que se tenha mais oferta de atividades gratuitas, possibilitando aos habitantes da cidade e do entorno usufruírem de forma ampla dessas oportunidades. É preciso que as ações que compõem as políticas públicas direcionem-se não só à ações de entretenimento eventuais, mas, também, à atividades sistemáticas que vão ao encontro do desejo dos moradores da cidade (OLIVEIRA; LOPES, 2018).

Num estudo realizado no Rio Grande do Sul, demonstrou-se que projetos com modalidades de exercitação em espaços públicos podem alcançar um caráter lúdico e estar vinculados aos cuidados em saúde. Além disso, podem ser marcados por forte sociabilidade, o que pode contribuir para uma experiência coletiva gregária entre os participantes, constituindo também um fator motivador para que as pessoas continuem frequentando o projeto (OLIVEIRA, 2014).

Numa perspectiva mais funcional, vale ainda registrar a possibilidade que esse tipo de iniciativa pode prover: um estímulo à adesão à prática de exercícios. Segundo

Polisseni e Ribeiro (2014), a atividade física deve ser estimulada por meio de projetos tanto do poder público quanto do privado; é preciso levar em consideração as particularidades dos indivíduos, sejam elas financeiras e sociais, proporcionando alternativas acessíveis para a prática de atividades físicas ao ar livre, visando atingir coletivamente a busca por um estilo de vida mais saudável.

Categoria 2: Dançar na Praça

A dança na rua, ao ar livre, pode ser uma forma de propiciar uma nova experiência ao corpo e desse na cidade. Para Sales e Snizek (2017, p. 40) “a cidade é entendida como um lugar de atuação artística, sendo que há especificidades para atuar em tal espaço”. Portanto, dançar na rua seria diferente de dançar na escola ou no teatro, uma vez que cada um destes espaços é conformado por regras específicas.

Por exemplo, ao compararmos o espaço especializado (teatro) com os espaços públicos (cidade, rua, etc.), percebemos que no teatro existem diferentes códigos/normas que são atendidas pelos que dele usufruem, até mesmo sem que sejam enunciadas previamente, tais como desligar o celular; ficar sentado todo o tempo; não intervir na obra, a não ser que seja orientado; entre outros. “Já no território urbano, apesar das características de cada ambiente, não há definição de um padrão de comportamento a ser seguido” (SALES; SNIZEK, 2017, p. 35) e cada pessoa tem liberdade de se expressar sobre a proposta, podendo agir como um mero espectador, recusar a intervenção ou interagir com a obra artística, tornando-se coautor da mesma (SALES E SNIZEK, 2017). No caso de uma escola de dança (espaço privado), quando comparada a uma praça, espaço público, poderíamos igualmente admitir que estes ambientes agregam diferentes códigos que diferenciariam os comportamentos, o que, consequentemente, implicaria em experiências diferenciadas ao dançar.

Para os participantes do projeto, há ainda outras diferenças entre dançar na praça e na escola; como argumenta F2: “[...] Dançar na praça é diferente de dançar na escola, eu acho que aqui a gente tem contato com pessoas que normalmente você não tem na escola [...]”.

Pela fala acima, percebemos que, na escola, cujo acesso ao ambiente é controlado, as pessoas que aparecem para dançar são as mesmas; já na praça, a imprevisibilidade é um elemento marcante: as pessoas vem e vão e qualquer um, a qualquer momento, pode querer fazer parte da proposta e aceitar dançar. Sobre a ampliação das interações, outro aspecto importante é que as praças atendidas pelo projeto são em bairros diferentes. Há, portanto, grandes chances de serem feitos contatos com uma diversidade de pessoas, de diferentes idades, gêneros, condições socio-econômicas, comportamentos. Como constituintes estratégicos das rotas, as praças integram importantes pontos de interseção da dinâmica cotidiana, potencializando uma característica marcante das malhas urbanas: “a cidade é o lugar onde há mais mobilidade e mais encontros” (SANTOS, 2006, p. 216).

Nesse sentido, por se tratar de uma atividade desenvolvida em um espaço aberto ao público, esta condição parece favorecer a participação de pessoas que residem ou transitam próximo daquele local onde a dança acontece. Na maior parte das vezes, a visibilidade da prática é um grande motivador para dançar: “[...] é muito gostoso, mostrar pro pessoal o forró, incentivar o pessoal a dançar. Então, pra mim a diferença é essa [...]” (COORDENADOR).

Além disso, a experiência no espaço público, de regras mais frouxas, permite uma liberdade maior:

[...] dançar na praça há liberdade de expressão, estar solto lá eu faço da minha maneira e em uma escola de dança eu não tenho a liberdade, eu tenho aquilo pra estar trabalhando junto com os colegas [...] (COORDENADOR).

Para Rodrigues e Ladwig (2014, p. 149), “as atividades sociais, como jogos esportivos em grupos ou rodas de conversas, se referem às práticas sociais que podem ser desenvolvidas em um espaço público”. Os dados do presente estudo revelam que a atividade social dançar pode também ocupar esse espaço. A dança, que já ocupa outros espaços como escolas especializadas, academias, clubes, festas e ritos, poderia – e deveria – estar mais ligada a esta possibilidade.

O espaço público, entretanto, pode também oferecer limitações: “na escola você tem mais concentração, você pode até aprender um pouco melhor pelo fato de estar mais concentrado [...]” (F1). Embora esta seja uma percepção válida, a observação da dinâmica do projeto sugere de maneira muito forte que o intuito maior e mais importante para a maioria dos dançantes na praça não está ligado “ao aprender melhor”, ou seja, ao desenvolvimento da técnica em si. Dito de outra maneira, a execução mais perfeita dos passos não seria o primordial, mas a experiência em si.

Algumas pessoas buscam a dança de salão apenas para se divertir; outras, para o lazer, outras para fugir dos problemas, por amor e dedicação e, por inúmeros outros motivos. Independentemente dos motivos que nos levam à prática da dança de salão, percebe-se que usamos os movimentos desde os mais simples aos mais complexos, dos combinados aos isolados, para explorar a nossa criatividade e a nossa capacidade de imaginação e cognição, para transformar estes movimentos em expressão. Considerando os benefícios implícitos na movimentação corporal, esta manifestação vai nos propiciar prazer, bem-estar, paz, tranquilidade, socialização e tantos outros fatores, que marcarão a nossa vida (ALMEIDA, 2005, p. 133).

Uma aproximação pertinente sobre esse “dançar na praça” remete às ideias de Certeau (2001, p. 178) sobre o caminhante que tanto segue a ordem espacial como também inventa outras; ele “tanto as faz ser como aparecer”. É inequívoco que a praça não foi “criada” para ser pista ou palco de dança ou seja, não foi esse propósito que a originou. Entretanto, se ali está ela e ali estão os sujeitos que por ela “caminham”, novas e diferentes apropriações podem ser feitas do espaço da praça, ressignificado por aqueles pares que ali dançam, se movimentam e constroem o espaço.

Categoria 3: O Significado do Projeto

O “Projeto Forró na Praça” é uma forma de levar a dança/forró para várias pessoas, pois muitas delas não têm outra possibilidade de acesso à atividades desta natureza. Ao ser oferecida em um espaço público, esta dança pode alcançar ainda mais gente, dando diferentes oportunidades àqueles que exercitam o direito à cidade.

[...] É uma forma de levar o forró a mais pessoas, porque poucas pessoas sabem que existe escolas de dança, que existe um lugar para as pessoas aprenderem a dançar [...] (F2).

Agregando argumentos à fala de F2, além de muitas pessoas não saberem da existência de escolas de dança, parte significativa da população não poderia pagar para fazer aulas de dança, embora muitos pudessem se interessar em frequentá-las.

Varregoso *et al.* (2014) contribuem com essa reflexão afirmando que, ao agir, reagir e interagir com todos os que dançam, vai surgindo um sentimento de harmonia, um sentimento de apoio de uns aos outros no grupo; aprender em conjunto desenvolve um sentimento de igualdade de oportunidades: todos podem aprender e ter confiança em si próprio. Ao mesmo tempo, a individualidade de cada um do grupo é respeitada, expressando-se coletivamente de forma única, desenvolvendo um sentido de responsabilidade que seria um contributo para a experiência do todo e de todos.

Em seus dizeres, F1 destaca os vários aspectos que considera importante nas intervenções de dança do projeto:

[...] o significado do projeto é bem complexo, pois significa mais interação com as pessoas, significa uma atividade física, um lazer, uma diversão a mais pra mim [...] (F1).

Oliveira e Mascaró (2007, p. 61) apresentam a praça como “um espaço aberto público cercado de ruas por todos os lados, concebido como espaço intencional de encontros sociais e atividades de lazer”. Além de oportunizar atividades que geram benefícios de natureza corporal, os espaços públicos de lazer podem também estimular

as relações sociais, sendo lugares de interação humana e mediação social (SILVA *et al.*, 2012, p. 173).

Categoria 4: Dança como Lazer

Em todo contexto social, a dança e as formas de dançar são um importante componente da cultura, fato de grande relevância já que é por meio da cultura que observamos o mundo ao nosso redor. Nesse sentido, ao ser associada à vivência do lazer, a prática da dança pode provocar uma mudança de perspectiva nos sujeitos dançantes, alterando a maneira de entender o outro e conseqüentemente, as relações sociais (SOUZA *et al.*, 2005).

Desta maneira, consideramos pertinente reflexão de Carvalho (2010): seja como uma forma de expressão corporal, arte, comunicação, ritual, evento social, linguagem ou como uma atividade física, notamos a diversidade presente na dança e podemos dizer que existem diferentes momentos e lugares para experimentá-la: na escola, na academia, nas festas, na rua, no palco, no salão, sendo diversos os estilos e as intenções. Por sua vez, Strazzacappa (2001, p. 71) ressalta que “toda dança é educativa e expressiva”. Portanto, independentemente do espaço em que ela acontece, a dança está sempre envolvida com processos educativos. Assim, lazer e dança podem facilmente se aproximar, se comunicar, se amparar em suas proposições.

[...] Eu vejo o projeto como um lazer, pela atividade que fazemos, pela dança, pelo esforço físico que a gente faz e pela própria diversão, porque este é um lazer que diverte, é tudo [...] (F1).

As palavras diversão, satisfação e alegria são citadas quando os entrevistados destacam que a dança que ocorre ali na praça é lazer. Associada a essa perspectiva, há também a presença de um traço definidor muito importante para caracterizar a experiência de lazer, como aponta Marcellino (2004): o caráter “desinteressado” dessa

vivência, caracterizado pelo abandono que qualquer busca ou recompensa que ultrapasse a satisfação provocada pela própria situação em si. Isso é exemplarmente ilustrado na fala do coordenador do projeto: “o pessoal que vai pras aulas, está disposto a ir” (COORDENADOR).

Segundo Leal e Haas (2006), além da dança ter funções de estimular a auto-expressão, diversão, prazer e comunicação, apresenta também características multifatoriais que contribuem na formação integral do indivíduo, promovendo a ruptura e revitalização da sociedade.

O projeto para mim é uma diversão e forma de interagir com as pessoas (F1).

Eu vejo o projeto sim como um lazer, pois é uma diversão, uma coisa que me faz bem. É de coração mesmo que eu tento passar isso para as pessoas em relação a respeito, carinho, carisma de cada um, e eu gosto muito (COORDENADOR).

Como registrado nas falas dos entrevistados, é significativa a importância do projeto para cada participante e para o coordenador. Esse último explicitou o prazer que tem em realizar as aulas a fim de propiciar alegria aos participantes. Além disso, a cada aula, há sempre a oportunidade para uma nova experiência e um novo convívio. A dança que acontece no “Projeto Forró na Praça” se tornou um “espaço” para onde os participantes sempre querem retornar: há um sentimento de acolhimento e de identificação com as pessoas que ali se encontram, sentimento acrescido ainda da liberdade de expressar-se pela dança:

Cada um tem sua dificuldade do dia a dia e lá é um lugar que ele vai e se expressa pela dança. O forró, principalmente, ele traz essa liberdade de conforto, de atenção, que é o único prazer que a gente tem é dançando [...] (COORDENADOR).

É um exercício de uma coisa que eu aprendi a amar, que no caso é a dança e, em específico, o forró, e hoje tem sido um exercício, uma prática com a qual eu tenho me identificado muito [...] (F3).

Neste cenário, nos aproximamos do pensamento de Marcelino (2007, p. 3) ao afirmar que o lazer é um tempo que pode ser privilegiado de experiências que

contribuam para a reflexão acerca de valores da cultura, prática necessária para questionar os processos de reprodução de uma dada estrutura; trata-se e uma pausa para experimentar vivências diferentes das cotidianas e, assim, imaginar e querer viver numa sociedade diferente, com mais alegria e humanidade.

Ainda no âmbito das discussões sobre dança e lazer, há dois outros momentos da fala do coordenador do projeto que precisam ser expostos. No primeiro, ele registra (como em momento anterior da entrevista) a diferença que existe entre dançar na escola de dança e dançar na praça, sugerindo haver um entendimento de que, na praça, o ato de dançar não se liga a nenhum padrão ou obrigação, sendo, portanto, marcado por uma experiência com mais liberdade:

[...] na praça, há liberdade de expressão [...]. Lá eu faço da minha maneira e em uma escola de dança eu não tenho a liberdade, eu tenho aquilo pra estar trabalhando junto com os colegas, mas na praça, como eu disse, eu tenho mais liberdade, é [...] livre, pois não tem aquela obrigação (COORDENADOR).

O segundo ponto a ser destacado diz respeito ao fato de o projeto ter sido criado a partir de uma ideia já existente em outras cidades do Brasil, dado que remete à importância dessas iniciativas para a vivência da dança como possibilidade de lazer, dando oportunidade àqueles que não têm recursos financeiros para tal:

[...] olhando e fazendo umas pesquisas em outros lugares e conversando com outras pessoas que faziam esse projeto em outras cidades, falaram que era muito gratificante ver as pessoas que não podem estar pagando e não tem condições de pagar [...], pessoas de baixa renda (COORDENADOR).

Vale apresentar os argumentos de Marcellino (1983) ao apontar as muitas barreiras presentes no dia-a-dia para se ter acesso e vivenciar o lazer. Ao destacar a barreira interclasse social, caracterizada sobretudo pelo fator econômico, o autor lembra que existem diferentes classes sociais estratificadas por seu poder aquisitivo e que isso repercute tanto nas possibilidades de lazer como em outros fatores estreitamente

relacionados à presença e à distribuição do tempo disponível entre as pessoas (MARCELLINO, 2002).

As observações e os relatos trazidos por esta pesquisa revelam que, se por um lado, a ocupação das praças pela dança pode resultar na experiência da diversão, do prazer, da sociabilidade e do acesso a conteúdos culturais, por outro pode também significar uma maior e mais profunda participação dos sujeitos nos processos políticos de ocupação dos espaços da cidade. Usufruir dos espaços públicos construídos e destinados, portanto, a todos e todas, é um direito, mas também um dever, já que somente por meio das práticas cotidianas de integração desses espaços à vida da população é que, de fato, eles irão se tornar “nossos”.

Considerações Finais

No transcorrer deste trabalho, diversas discussões foram feitas visando construir uma narrativa sobre os sentidos atribuídos pelos frequentadores do “Projeto Forró na Praça” ao espaço público da praça, na vivência da dança com experiência de lazer.

A praça, que pertence a todos, permite que as pessoas se sintam mais à vontade para estarem presentes e usufruírem de intervenções desenvolvidas no espaço. Muitas vezes, estas intervenções podem dar novo sentido ao uso do espaço, levando à apropriação por aqueles que, sem a intervenção, não estariam ali. Convidados pela oferta de uma vivência de lazer, esses novos “ocupantes” revelam se sentir bem neste território visível, público, promotor de encontros, experimentando a prática da dança que, por esse meio, pode chegar a mais pessoas, inclusive a algumas que nunca tiveram (e, talvez, nunca teriam...) nenhum contato direto com esta atividade. Nessas ocasiões há, ainda, a oportunidade de apresentar e valorizar o forró como estilo de música e de dança, com todo conteúdo cultural que o envolve.

Em práticas dotadas de sentido, como a registrada aqui, é comum o relato da (auto) transformação e da descoberta de experiências que acarretam alegria e satisfação, gerando novas atitudes e intensificando as relações. É por meio dessas pequenas mudanças que o lazer se torna um poderoso veículo de educação, inaugurando percepções, sensações e valores.

Nos sentidos atribuídos à dança, é possível identificar a característica desta manifestação social e cultural enquanto expressão do corpo no espaço. Através dela são descobertos aspectos significativos da vida: a função da comunicação, linguagem que integra um ser humano a outro; a expansão do diálogo dos gestos, já que a troca acontece também sem palavras, ou com ela; a ampliação da experiência corporal e, portanto, da experiência consigo mesmo que, por fim, também alcança o entorno; os diferentes sentimentos que vão sendo extravasados; o desenvolvimento da criatividade e da sensibilidade.

E sobre o “dançar na praça”, há um sentido diferente sendo atribuído; este dançar alterna pares, e possíveis espectadores, trazendo o imprevisível. Essas pessoas que ocupam as praças, em interação com ela e também interagindo entre si, as re-significam; movimentam a si próprias e o próprio lugar; mudam a paisagem e o espaço.

Este estudo apresentou limitações quanto ao número de participantes nas entrevistas, embora muitas pessoas se envolvessem com as aulas do projeto; também quanto às especificidades do público (perfil, adesão, envolvimento) quando comparamos as duas praças (localizadas em diferentes bairros) em que as aulas de dança ocorreram.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cleusa Maria de. Um olhar sobre a prática da dança de salão. **Movimento e Percepção**, Espírito Santo de Pinhal, v. 5, n. 6, jan./jun. 2005. Brasília, SESI/DN, 2005.

ANDRADE, Luciana T. de; BAPTISTA, Luís Vicente. Espaços públicos: interações, apropriações e conflitos. **Sociologia**, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, v. 29, p. 129-146, jun. 2015. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13341.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2019.

CALDERÓN, Jorge Eduardo M. **Os espaços livres públicos e o contexto local**: o caso da Praça Principal de Pitalito-Huila-Colômbia. 2009. 109 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

CARREIRA, André. Teatro de invasão: redefinido a ordem da cidade. *In*: LIMA, Evelyn Furquim W. (org.). **Espaço e teatro**: do edifício teatral à cidade como palco. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008.

CARVALHO, Joselene Maria M. **A dança nos currículos dos cursos de Educação Física**: uma análise documental. 2010. 58p. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

DE ANGELIS, Bruno Luiz; DE ANGELIS NETO, Generoso. Os elementos de desenho das praças de Maringá-PR. **Acta Scientiarum**, v. 22, n. 5, p. 1445-1454, 2000. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/307747234_Os_elementos_de_desenho_das_praças_de_Maringá-PR. Acesso em: 12 abr. 2019.

FÉLIX, Maria Tatiana de Lima R.; GAMA, Tatiane de Jesus; FÉLIX, Thiago S. **Metodologia do ensino da atividade rítmica e dança**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional, 2015.

FERMINO, Rogério Cesar; REIS, Rodrigo S., CASSOU, Ana Carina. Fatores individuais e ambientais associados ao uso de parques e praças por adultos de Curitiba-PR, Brasil. **Rev. bras. cineantropom. desempenho hum.**, v.14, n. 4, p. 377-389, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-00372012000400002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 abr. 2019.

FERREIRA, Manuela L. KOPANAKIS, Annie R. A cidade e a arte: um espaço de manifestação. **Revista Tempo da Ciência**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 79-88, 2015. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/12935/8936>. Acesso em: 11 mar. 2019.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GARCIA, Ângela; HAAS, Aline N. **Ritmo e dança**. Canoas: Ulbra, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODTSFRIEDT, Jonas. Prática do lazer: uma revisão de conceitos, barreiras e facilitadores. **EFDeportes Revista Digital**, Buenos Aires, Año 14, N0 142, mar. 2010. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd142/pratica-do-lazer-uma-revisao-de-conceitos.htm>. Acesso em: 14 mar. 2019.

GOMES, Marcos Antônio S. De Largo a Jardim: praças públicas no Brasil – algumas aproximações. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v. 5, n. 1, p. 101-120, 2007.

GONÇALVES, Felipe S. *et al.* As praças que a gente viu! As praças que a gente quer! *In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e Congresso Internacional de Ciências do Esporte*, 15; 2, 2007, Recife. **Anais...** CBCE, 2007.

KITANI, Gizele de M. **Lazer em espaços público**: estudo de caso: São Paulo. 2014. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

LEAL, Indara J; HAAS, Aline N. O significado da dança na terceira idade. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, p. 64-71, jan./jun. 2006.

LEITE, Maria Angela Faggin P. Um sistema de espaços livres para São Paulo. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 25, n. 71, p. 159-174, abr. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142011000100011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 mar. 2019.

MARCELLINO, Nelson C. Algumas aproximações entre lazer e sociedade. **Revista Iberoamericana Lazer e sociedade**. v. 1, n. 2, mai./set. 2007. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/440954001/Algumas-aproximacoes-entre-lazer-e-sociedade>. Acesso em: 22 mar. 2019.

_____. **Estudo do lazer**: uma introdução. Campinas: Autores Associados, 2002.

_____. O entendimento do lazer. *In: MARCELLINO, Nelson C. (org.). Políticas Públicas setoriais de lazer*: o papel das prefeituras. Campinas: Autores Associados, 1996.

_____. **Lazer e educação**. 11. ed. Campinas: Papirus, 2004.

_____. **Lazer e humanização**. Campinas: Papirus, 1983.

MARTINS, Saádia Maria B. Medo e insegurança nas cidades/a violência no uso dos espaços públicos. **Revista de Direito da Cidade**, v. 5, n. 2, p. 206-227, 2013. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rdc/article/view/9743/7642>. Acesso em: 12 abr. 2019.

MAYRING, Philipp. **Qualitative Inhaltsanalyse**: Grundlagen und Techniken (7th edn. 1997). Weinheim. Deutscher Studien Verlag, 1983 *apud* FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MILLER, Jussara. **Qual é o corpo que dança?** dança e educação somática para adultos e crianças. São Paulo: Summus, 2012.

NETTO, Vinicius M. A urbanidade como devir urbano. **EURE** (Santiago), Santiago, v. 39, n. 118, p. 233-263, set. 2013. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0250-71612013000300010&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 10 de jan.2020.

NETTO FLEURY; Márcia M. Dança de rua: jovens entre projetos de lazer e trabalho. **Última Década**, Santiago, v. 15, n. 27, p. 27-48, dez. 2007. Disponível em https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S071822362007000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 abr. 2019.

OLIVEIRA, Diego M. de. Política de esporte e lazer: estudo sobre práticas corporais em participantes da Academia ao Ar Livre do Complexo Esportivo Guarani Atlântico em Santa Maria – RS. *In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA*, 29, 2014, Natal-RN. **Anais...**Natal-RN: [s.n], p. 1-11, 2014.

OLIVEIRA Lucimara A. de; MASCARÓ Juan José. Análise da qualidade de vida urbana sob a ótica dos espaços públicos de lazer. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 59-69, abr./jun. 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/ambienteconstruido/article/view/3737/2090>. Acesso em: 17 abr. 2019.

OLIVEIRA, Tânia P.; LOPES, Claudivan S. Tem festa na praça: atratividades de lazer que dinamizam a apropriação do espaço. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 4, n. 13, p. 76-92, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/8015/5294>. Acesso em: 17 abr. 2019.

PETROSKI, Edio Luiz *et al.* Estágios de mudanças de comportamento e percepção positiva do ambiente para atividade física em usuários de parque urbano. **Motricidade**, Vila Real, v. 5, n. 2, p. 17-31, 2009. Disponível em http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-107X2009000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 abr. 2019.

PIRES, Dickson D. Forró e samba: interjeições e referências das danças populares enquanto manifestações sociais. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, n.4, p. 118-122, jan./dez. 2005. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19922/10644>. Acesso em: 11 mar. 2019.

POLISSENI, Maria Lúcia C.; RIBEIRO, Luiz Cláudio. Exercício físico como fator de proteção para a saúde em servidores públicos. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 20, n. 5, p. 340-344, set./out. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-86922014000500340&script=sci_abstract&tlng=es. Acesso em: 25 de abril de 2019.

QUEIROGA, Eugênio F.; BENFATTI, Denio M. Sistemas de espaços livres urbanos: construindo um referencial teórico. **Paisagem e Ambiente: ensaios**, São Paulo, n. 24, p. 81-88, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/85699/88459>. Acesso em: 11 mar. 2019.

RANGEL, Nilda Barbosa C. **Dança, educação, educação física**: propostas de ensino da dança e o universo da educação física. Jundiaí: Fontoura, 2002.

REIS, Daniel Fernando *et al.* Atividade física ao ar livre e a influência na qualidade de vida. **Colloquium Vitae**, Presidente Prudente, v. 9, n. Especial, p. 191-201, ju./dez. 2017.

ROBBA, Fábio; MACEDO, Silvio S. **Praças brasileiras**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

ROBATTO, Lia. Dança em processo: a linguagem do indizível. In: MOMMENSOHN, Maria; PETRELLA, Paulo. **Reflexões sobre Laban**, o mestre do movimento. São Paulo: Summus, 2006.

RODRIGUES, Antônio Marcos. Desenvolvimento sustentável: dos conflitos de classes para o conflito de gerações. In: SILVA, José B.; DANTAS, Eustáquio Wanderley C. (org.). **Panorama da Geografia Brasileira**. São Paulo: Anablume, 2006.

RODRIGUES, Ramilho F.; LADWIG, Nilzo Ivo. O espaço público na contemporaneidade da cidade: estudo de caso Bairro Santa Luzia - Criciúma (SC). **Revista Tecnologia e Ambiente**, Criciúma, Santa Catarina, v. 20, 2014.

ROSANELI, Alessandro Filla *et al.* Apropriação do espaço livre público na metrópole contemporânea: o caso da Praça Tiradentes em Curitiba/PR. **Urbe**, Revista Brasileira de Gestão Urbana, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 359-374, dez. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-33692016000300359&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 mar. 2019.

SALES, Bianca Christian M.; SNIZEK, Andréa B. Dança em espaços urbanos: reflexões e representações de bailarinos e coreógrafos. **MORINGA-Artes do Espetáculo**, v. 8, n. 2, dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/moringa/article/view/37766/19066>. Acesso em: 12 mar. 2019.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. Hucitec: São Paulo, 1988.

_____. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Dança e gênero na escola: formas de ser e viver mediadas pela educação estética**. 2011. 441p. Tese (Doutorado). FMH - Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2011.

SARTO, Karina C. **Retratos da vida: dança e lazer como instrumentos de inserção social para a juventude**. 2007. 135p. Dissertação (Mestrado). Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP, 2007.

SILVA, Emília Amélia Pinto C. da *et al.* Sociedade, cultura e saúde: motivação na utilização de espaço público de lazer. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 01, p.171-188, jan./mar. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/22560/17345>. Acesso em: 14 mar. 2019.

SILVA, Maria Gabriela B.; VALENTE, Thais M.; BORRAGINE, Solange de Oliveira F. A dança como prática regular de atividade física e sua contribuição para melhor qualidade de vida. **EFDeportesRevista Digital**, Buenos Aires, Año 15, N0 166, 2012. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd166/a-danca-como-pratica-regular-de-atividade-fisica.htm>. Acesso em: 19 abr. 2019.

SOTERO, Mildred Aparecida. Inter-relações entre dança, lazer e educação: contribuições para o currículo escolar. In: EHRENBERG, Mônica C.; FERNANDES, Rita de Cássia; BRATIFISCHE, Sandra A. **Dança e Educação Física: diálogos possíveis**. Várzea Paulista: Fontoura, 2014.

SOUZA, Maria Inês G. *et al.* “Me divirto dançando”: um etnografia dos espaços populares de dança na cidade do Rio de Janeiro. In: GOMES, Christianne Luce; ISAYAMA, Hélder F. (org.). “O lazer em debate” [Coletânea]. Belo Horizonte: UFMG/DEF/CELAR, 2005.

STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 21, n. 53, p. 69-83, abr. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 abr. 2019.

TOKOE, Patrícia; HARF, Ruth. **Expressão corporal na pré-escola**. São Paulo: Summus Editorial, 1987.

VARGAS, Lisete Arnizaut M. de. **Escola em dança: movimento, expressão e arte**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

VARREGOSO, Isabel *et al.* Dançar – Vivências contemporâneas na comunidade. **Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto**, n. 5, p. 4-11, 2014.

VIANNA, Klauss. **A dança**. São Paulo: Summus, 2005.

VIEIRA, Monica B. O espaço urbano e a arquitetura da cidadania. In: CABRAL, Manuel V.; SILVA, Filipe C.; SARAIVA, Tiago. **Cidade e cidadania**. Governança urbana e participação cidadã em perspectiva comparada. Lisboa: ICS, 2008.

Endereço dos(as) Autores(as):

Dardianne Catherine Souza Passos
Endereço Eletrônico: dardy.passos05@hotmail.com

Fernanda de Souza Cardoso
Endereço Eletrônico: nandascard@yahoo.com.br

Carlos Rogério Ladislau
Endereço Eletrônico: crladislau7@gmail.com

Georgino Jorge de Souza Neto
Endereço Eletrônico: netogeorgino@gmail.com

Rogério Othon Teixeira Alves
Endereço Eletrônico: rogerio.alves@unimontes.br

Ester Liberato Pereira
Endereço Eletrônico: ester.pereira@unimontes.br